



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v26n01/2019p459-479>

DISCURSOS SOBRE O COMPORTAMENTO DA MULHER: O PAPEL DA MEMÓRIA NA RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO E MÚSICA

DISCOURSES ABOUT WOMAN'S BEHAVIOUR: THE MEMORY ROLE ON THE RELATION BETWEEN JOURNALISM AND MUSIC

Julyene Oliveira Teixeira¹
 Silvia Regina Nunes²

Data de recebimento: 10/05/2019

Data de aceite: 30/05/2019

RESUMO: Esse artigo mostra uma análise discursiva que põe em relação o texto *Às mulheres casadas e por casar*, publicado no jornal *A Situação* (Cuiabá-MT) em 1872, e as músicas *Mariana Foi Pro Mar* (Ira!, 2007), *Desconstruindo Amélia* (Pitty, 2009) e *Solitária* (A Banda Mais Bonita da Cidade, 2011). Nos inscrevemos nos estudos discursivos, especificamente os realizados por Pêcheux, Orlandi e Zoppi-Fontana. Observamos como a noção de gênero é construída discursivamente e a forma como se produz um discurso sobre o comportamento da mulher, a partir do século XIX, sustentado em pré-construídos da família tradicional patriarcal, da obediência e da submissão. Mostramos o modo como as condições de produção promovem deslocamentos e repetições no discurso sobre a mulher contemporaneamente.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Mulher; Resistência; Jornalismo; Gênero.

ABSTRACT: This paper presents a discursive analysis that links the text “*Às mulheres casadas e por casar*” published in the newspaper “*A situação, (Cuiabá-MT)*”, in 1872, and the songs “*Mariana foi pro Mar* (Ira!, 2007), *Desconstruindo Amélia* (Pitty, 2009) and *Solitária* (A Banda Mais Bonita da Cidade, 2011). We include ourselves in the discourse analysis field, focused on Pêcheux, Orlandi and Zoppi-Fontana. We observe how the gender notion is constructed in a discursive way and how is composed a discourse over the woman’s behaviour starting from the 19th century, coming from a traditional patriarchal family of obedience and submission. We show how the production conditions can promote dislocations and repetitions in the discourse about the women contemporaneously.

KEYWORDS: Discourse; Woman; Resistance; Journalism; Gender.

¹ Pesquisadora do projeto Mulheres em Discurso: processos de identificação, mídia e sexualidade. Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: julyeneteixeira@hotmail.com

² Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutora em Linguística pela UNICAMP. Docente do Departamento de Letras e Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Unemat – Campus de Cáceres. E-mail: silvianunes@unemat.br





1 Introdução

A diferença entre os gêneros vem sendo construída discursivamente (ZOPPI-FONTANA & BORGES, 2013), em nossa sociedade, sendo então naturalizadas algumas determinações acerca da diferenciação entre homens e mulheres. A filósofa Judith Butler (2014) faz sua crítica ao modelo binário e hierárquico entre os gêneros difundido na sociedade, defendendo a não distinção entre sexo e gênero, visto que essa diferenciação se dá no e pelo discurso, em que o sexo significa de tal forma que é atribuído aos corpos diferentes papéis de gênero baseados em sua diferenciação anatômica, papéis estes muitas vezes executados de forma performativa. Sobre o assunto, Butler comenta:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável. (BUTLER, 2014, p.195.)

Adotamos então a noção de gênero como uma invenção, uma diferenciação instituída nos corpos discursivamente, em que antes de nascer a criança já significa o gênero que lhe foi atribuído, iniciando assim essa diferenciação entre homens e mulheres de forma dicotomizada e revelando relações de poder instituídas a partir dos efeitos de verdade existentes nesses discursos. A partir de então, essa fabricação do gênero se institui através da educação delegada ao sujeito pela família, Estado e pela sociedade em geral. Esta educação para a adequação em um determinado papel de gênero pode ser observada no recorte que analisaremos neste trabalho, onde se objetiva educar as mulheres para que sigam determinado padrão comportamental.



Sustentados pelos estudos concernentes ao campo de conhecimento da Análise de discurso materialista, tal como desenvolvida a partir dos trabalhos fundadores de Michel Pêcheux e colaboradores, na França, e de Eni Orlandi e colaboradores no Brasil, visamos analisar os efeitos de sentidos produzidos pelo discurso do jornal mato-grossense *A Situação* para compreender como esse discurso jornalístico produz um imaginário sobre o modelo de mulher ideal enunciado no texto *Às mulheres casadas e por casar*. Em seguida, utilizaremos três músicas, *Desconstruindo Amélia* (Pitty, 2009); *Mariana Foi Pro Mar* (Ira!, 2007) e *Solitária* (A Banda Mais Bonita da Cidade, 2011) para compreender como uma memória do discurso do jornal (século XIX) sobre o comportamento da mulher se atualiza no discurso dessas músicas.

2 Princípios e procedimentos de análise

O jornal *A Situação* foi escrito na segunda metade do século XIX, sendo um dos que mais publicou atos oficiais (por aproximadamente dez anos). A circulação deste jornal se estendeu até a Proclamação da República em 1889, completando 21 anos de existência (1869 a 1889). Era um jornal de quatro páginas que, inicialmente circulava aos domingos, e mais tarde passou a circular duas vezes por semana. O periódico se autodesignava como um “jornal oficial, político e literário”.

O recorte analisado está localizado na seção Variedade com o título *A's senhoras casadas e por casar*, que apresenta em sua estrutura uma lista com doze itens que trazem recomendações acerca do comportamento das mulheres em relação ao (futuro) marido.

Para os procedimentos de análise, tomamos o jornal como um Aparelho Ideológico de Estado (ALTHUSSER, 1996), especificamente o aparelho da família,





que Althusser (1996) define como entidades que levam as pessoas a se colocarem em *seu lugar* se reconhecendo como sujeito através da interpelação ideológica. Para Pêcheux, “é a ideologia que fornece as evidências, as quais fazem com que um enunciado ‘queira dizer’ o que ‘realmente’ o sujeito quer dizer, camuflando sob a transparência da linguagem, a materialidade do sentido” (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

No fim do século XIX, houve no Brasil a circulação de discursos homogeneizadores para a conduta do sujeito, que funcionaram de modo dominante. O objetivo era o de se aproximar ao máximo do modelo social europeu, onde o interior copiava a capital e a capital por sua vez copiava a metrópole, fazendo com que houvesse, neste período, uma disputa local baseada na formação da identidade de língua regional, em que o Rio de Janeiro, capital nacional, era considerada modelo a ser seguido em outras regiões (SEVCENKO, 1998). Este discurso que se inspirava no modelo europeu que era reproduzido nos jornais, escolas, igrejas e também dentro das casas na educação familiar. Modelo este materializado não apenas na língua, mas também como formador de uma identidade nacional com regras estabelecidas. Além do mais, havia uma indistinção entre a vida privada e a vida pública, que muitas vezes se confundiam, fazendo com que questões familiares fossem passíveis de julgamento por membros da Igreja, pelo Estado e sociedade em geral (PERARO, 2001).

As práticas sociais eram reguladas tanto pelos Aparelhos Repressivos, quanto pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1996), e essas práticas funcionavam numa relação estreita com a política higienista da época.

Nos concentramos em nosso recorte do Jornal *A Situação*, que se inicia e desenvolve alicerçado em sua primeira orientação:





Recommendamos, e mui seriamente esses conselhos para que fação a felicidade de seus maridos.

1º Persuadir-se intimamente que ha dois modos de mandar em uma familia: um pela expressão da vontade, que pertence a força, o outro pelo irresistível poder da doçura, à que se submete a própria força. O primeiro é próprio do marido; a mulher não deve usar senão do segundo. Uma mulher que [ilegível] eu não quero, merece perder a parte que lhe toca no mando.

2º Evitar contradizer o marido.

Ao escolher uma rosa não aspiramos mais que o prazer dos seus perfumes: da mulher não se deve esperar senão agrado. A que se oppõe constantemente; a que não faz se não gritar e exasperar-se a trôxe môche, preduz uma aversão que o tempo fortifica e que não bastão para debellal-a todas as demais qualidades, por melhores que sejão.

3º Não intrrometer-se nos negocios do marido, esperando que elle lhe confie o que quiser, e não o aconselhando senão quando consultada.

4º Não pregar sermões ao marido. Pregar com os exemplos e praticar virtudes para fazel-as amar.

5º Não exigir nada para obter muito, e mostrar-se sempre contente com o que faz o marido.

6º Quasi todos os homens soffrem pela vaidade: a mulher deve fugir sempre de amesquinhar seu marido, ainda nas cousas mais insignificantes: e embora tenha talento nunca deve aparental-o superior ao do chefe da familia.

7º Quando o marido der uma opinião que não seja fundada, a mulher não dará a entender immediatamente mas procurará trazel-o pouco a pouco a razão, com doçura e agrado: e, logo que o convença, deixar a elle o mérito de ter elle proprio acertado com o que era justo e conveniente.

8º Os homens tem muitos negocios que os põe de mau humor: essa é a hora do triunfo da mulher: a mulher deve tratar n'essas occasiões com mais affectuosidade que nunca o marido; consollal-o, levantar-lhe o animo, corresponder aos seus desdens com bons modos e não reprehendel-o nem humilhal-o.

9º Fazer uma escolha bem reflectida de amigas; ter poucas e desconfiar dos seus conselhos, sem escutar suas intrigas para tornar se odiosa. Gostar muito do acceio e pouco luxo, vestir com graça e sobretudo com limpeza e decencia.

10. Não ser curiosa sobre os negocios do marido, procurando a sua com confiança igual. Observar ordem em tudo e não enfadar-se nunca e nem repreender systematicamente e com violencia os creados, para que a sua propria casa seja para o marido, mais agradavel que outra qualquer.





11. Dar a entender em todas as ocasiões que se refere à luzes e conhecimentos de seu marido, sobretudo diante de gente, ainda quando para isso seja preciso passar por nescia em sua opinião, não esquecendo que a mulher se aprecia pelo apreço que faz de seu marido.

12. Deixal-o em plena liberdade de obrar, ir e vir onde lhe pareça: uma mulher deve fazer sua companhia tão agradável ao marido, que não possa olhar-se bem sem ella, e que fóra de sua casa sejam insípidos todos os prazeres, se os não compartilha com sua companheira e amiga.

O primeiro item,

1º Persuadir-se intimamente que ha dois modos de mandar em uma familia: um pela expressão da vontade, que pertence a força, o outro pelo irresistível poder da doçura, à que se submete a própria força. O primeiro é próprio do marido; a mulher não deve usar senão do segundo. Uma mulher que [ilegível] eu não quero, merece perder a parte que lhe toca no mando.

funciona como um resumo de todas as outras recomendações, sendo estas existentes com um único objetivo: “para que fação a felicidade de seus maridos”. Neste item, podemos destacar a forma hierarquizada como são elaboradas as recomendações, já iniciando com a determinação de qual deveria ser a função da mulher nessa relação de poder já pré-estabelecida, pois no texto não fica enunciado que há dois modos de organizar, construir ou vivenciar uma família, mas sim “dois modos de mandar”. Há, portanto, um silenciamento que expõe a necessidade da disciplina e do exercício de poder na relação doméstica.

Esses dois modos de mandar estão enunciados constituindo uma divisão, conforme segue:

um pela expressão da vontade, que pertence a força, o outro pelo irresistível poder da doçura, à que se submete a própria força. O primeiro é próprio do marido; a mulher não deve usar senão do segundo. À mulher, portanto, fica a orientação de que use apenas do segundo mando, aquele que é submetido ao primeiro.



Com isso, é explícita uma divisão hierárquica que sustenta a organização familiar, em que a mulher deve se submeter ao marido para que haja um determinado benefício em relação a isso. Um efeito ideológico produzido a partir do funcionamento do aparelho ideológico familiar, com todas suas determinações, especificamente as morais e religiosas. Constitui-se, para a mulher, um processo de identificação que acontece quando um sujeito se submete as regras existentes – sem perceber esta submissão – como efeito de interpelação ideológica, visando apenas o possível benefício gerado ao cumprir determinadas regras, neste caso o benefício esperado do “poder da doçura”.

A partir disso podemos levantar algumas questões, pois vemos aí diferentes sentidos presentes para “o mando”. O que seria esse poder da doçura? E o poder da força? Quais os sentidos inscritos nesse discurso familiar?

Esse discurso se ancora numa formação discursiva religiosa e familiar-patriarcal, em que esta religiosidade também está inserida em uma lógica patriarcal, em que os homens, determinados pelas características do que se marca como posição masculina, acabam por determinar o que é certo/errado, bom/mau para as mulheres, pela relação de poder existente, pois esses conceitos se dão na atribuição de sentidos instituídos através da formação ideológica gerada pelo(s) detentor(es) de poder, nessas circunstâncias, o pai (provedor) e a igreja.

O poder da doçura expressa uma liberdade ilusória, que mais limita do que liberta, o que consideramos, na análise, como um efeito metafórico, pois na prática não é um poder assertivo e sim um poder que se realiza na subordinação, ou seja, um falso poder, uma vez que à mulher o único poder cabível e aceitável é o de mostrar-se doce. Nietzsche (2013) defende que a origem dos preconceitos morais está diretamente relacionada com as relações de poder estabelecidas, visto que



quem determina o certo/errado, bom/mau em um determinado espaço é aquele que tem poder neste local, como um exemplo do autor, os aristocratas.

O direito de dar nomes vai tão longe que se pode considerar a própria origem da linguagem como exteriorização da autoridade dos dominadores; eles dizem: 'Aí está o que é isto e o que é aquilo', apõem seu selo sobre todas as coisas e todos os acontecimentos por meio de um som e, de alguma forma, se apoderam desse fato (NIETZSCHE, 2013).

Trazendo para nosso recorte, temos no texto jornalístico, um discurso que produz uma posição sujeito masculina determinada pelas formações discursivas religiosa e familiar, sendo a familiar patriarcal, o qual produz uma posição feminina que deve, pelo exercício do poder da doçura, se submeter ao **chefe da família** o detentor do poder da força. Detentor do poder disciplinar, que “é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2010, p.195).

Inerente ao poder disciplinar está o exercício da punição, a qual podemos perceber na submissão de um poder ao outro e à ameaça de “perder a parte que lhe toca no mando”, assim como aparece no item 1. A palavra “mando” como é enunciada, tem seu sentido deslizante e polissêmico no que se refere às suas atribuições, estando o poder da doçura, sempre submetido à “expressão da vontade, que pertence a força”.

Ocorre, portanto, um processo de identificação da mulher com a formação discursiva familiar-patriarcal-religiosa, que mostra que se ela “exercitar” o poder da doçura, não há risco de perder a parte que lhe toca no mando. Essas recomendações sobre as ações das mulheres tem o objetivo de discipliná-las,



funcionando como um manual de instruções, ou melhor, como uma cartilha que se deve seguir para exercer seu poder da doçura, essa doçura gerada pela disciplinarização de seus corpos que silencia a liberdade de escolha, perdida nesse processo. Para Foucault (2010), o poder é expresso através da dominação dos corpos, feita pela tirada da liberdade, através da disciplina e prisão. Evocando a docilidade do sujeito.

Ao observar outros jornais do mesmo período que circulavam em Cuiabá (*O Liberal, O Porvir, A Opinião, O Povo, Echo de Cuyabá, O Expectador, Gazeta*), observamos que era raro aparecerem notícias sobre as mulheres, e que, em geral, elas apareciam somente em contos e poesias. Essa aparição literária constante produzia um efeito de leitura de um imaginário da mulher ideal a partir dessas personagens, silenciando, dessa forma, aquelas que não caberiam nesse padrão. Tais mulheres *fora do padrão*, acabaram sendo, ao longo do tempo, adjetivadas com características consideradas negativas, como: loucas, feiticeiras, sedutoras, pecadoras. Segregando-as e as inserindo no discurso normalizador. Esse efeito pejorativo repercute no imaginário social, principalmente das mulheres da época, as quais temiam serem rotuladas com esses adjetivos negativos.

Há, portanto, uma interdição ao comportamento da mulher, ou melhor, um processo de censura, que Orlandi caracteriza como o de se “por em silêncio”, um dizível que não pode ser dito.

Pela censura, o sujeito é proibido de ocupar posições consideradas proibidas por que produzem sentidos proibidos. O sujeito é proibido de circular pelas formações discursivas. [...] a censura, ao contrário do que se supõe comumente, não age sobre aquilo que o sujeito não sabe, mas justamente sobre aquilo que ele é suposto saber (o já dito). (ORLANDI, 2007, p.139).





Essa padronização que funciona como uma fabricação de pessoas com características pré-determinadas, nos remete a lógica industrial, e, nesse caso, a mulher aparece como mercadoria, objetificada e avaliada como um produto, que passa pelo controle de qualidade, para finalmente ir para o mercado. Sendo a compra finalizada através do casamento, o que não se distancia dos interesses financeiros em que estavam inseridos nos casamentos naquelas condições de produção, em que o jornal circulou, quando também era usual que se determinasse comportamentos das pessoas, pois, como já salientamos, havia uma onda modernizadora na qual se objetivava a aproximação dos moldes europeus em todos os setores da sociedade. Nesse momento, Cuiabá se inspirava na capital Rio de Janeiro, que por sua vez se inspirava nas representações europeias. Havia, portanto, um processo eugenista, com os olhos voltados para a Europa. Com esse discurso, é elaborado um modelo a ser seguido, sustentado no funcionamento de uma ideologia de dominação e silenciamento para submeter as mulheres.

Pelo funcionamento da memória discursiva, esse discurso dominante, ao associar as mulheres como sendo feiticeiras e/ou loucas, nos remete a dois fatos marcados historicamente. Primeiro, o período Medieval, da caça às bruxas e repressão, feita pela Igreja aos pagãos e hereges. A segunda ocasião é contemporânea ao jornal, em que a repressão sexual e dominação dos corpos acontece não mais apenas pela Igreja, mas também pelo discurso médico que foi inserido para legitimar, pela ciência, o que a moral religiosa e o higienismo da época propunha, tornando a loucura como algo inerente à fisiologia feminina, originando-a de seus órgãos sexuais e da manifestação de sua feminilidade (MARTINS, 2010).





A forma como as mulheres são enunciadas no jornal *A Situação* produz uma situação de estranhamento, provocando uma necessidade de adequação ao comportamento feminino. Em nosso recorte observamos como o funcionamento da negação limita e restringe o comportamento das mulheres, expressando uma interdição de suas ações antes mesmo de serem realizadas, aparecendo sempre acompanhado de algum ato que pode ser considerado manifestação do poder da força, que é enunciada como sendo inerente ao homem. Para a mulher ficaria o controle e a disciplina, onde a prática da autonomia nem é mencionada, silenciando seus atos e voz enquanto sujeito e marcando-a como objeto.

Tomamos algumas músicas para observarmos como uma memória discursiva do jornal *A Situação* se atualiza em fragmentos no discurso musical da contemporaneidade. Sabemos que a ideologia não funciona como um sistema fechado e sem falhas, nem a língua como um sistema homogêneo. Por isso, podemos compreender um movimento dos sentidos no fato de algumas músicas contemporâneas produzirem uma posição para as mulheres de resistência ao ideal feminino apresentado no discurso do jornal, sendo que essa posição irrompe a partir desse discurso, como forma de resistência, na falha da ideologia familiar-patriarcal-religiosa.

Selecionamos três músicas: [1] *Mariana Foi Pro Mar* (Ira!, 2007); [2] *Desconstruindo Amélia* (Pitty, 2009) e [3] *Solitária* (A Banda Mais Bonita da Cidade, 2011). Primeiramente, para que o título da música *Desconstruindo Amélia* faça sentido é necessário que exista a memória musical instaurada pela letra de *Ai que saudades da Amélia* (Ataulfo Alves e Mário Lago, 1942), pois a primeira foi elaborada como que uma resposta à segunda. Enquanto uma reafirma o estereótipo idealizado daquela que foi adjetivada como mulher de verdade, em nossa



interpretação: a que exerce o poder da doçura/subordinação, a outra, vem para desconstruir e re-significar os sentidos de ser uma “mulher de verdade”.

Desconstruindo Amélia - apesar de apresentar crítica ao enaltecimento de um modelo de submissão da mulher como em *Ai que saudades da Amélia*, apresenta alguns deslizamentos de sentidos que reafirmam a opressão e a submissão (não mais ao mando do homem, mas, agora, à determinação do capitalismo), além de naturalizar um determinismo inerente ao feminino, indo ao encontro, em alguns aspectos, do modelo de comportamento apresentado no recorte do jornal analisado.

Nas duas primeiras estrofes a posição feminina aparece reproduzindo o que lhe foi ensinado que é “cuidar e servir”, atualizando a memória de mulher ideal enunciada no jornal e também da música *Ai que saudades da Amélia*.

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume esquecia-se dela
Sempre a última a sair

Esse mesmo processo aparece nas outras duas músicas, que demonstram uma caracterização de que elas foram educadas tal qual o modelo desejável para as mulheres presente no discurso do jornal *A Situação*. Observamos isso no enunciado presente na música [1]: “[...] tinha em si a vocação do lar” e na música [03]: “Deixei bife e arroz no micro-ondas/Joguei na privada aquela rosa/E a aliança eu deixei pra você pagar as contas”. Sendo que a palavra “vocação”, na música [1],





mostra um efeito de naturalismo para o feminino, ao qual a posição de mulher é tida como uma unidade e seu comportamento pré-determinado.

A desejada independência financeira presente nas músicas se insere na formação discursiva capitalista. Essa relação com o financeiro aparece nas músicas [01] e [02] da seguinte forma:

Música [01]:

Mariana se cansou
 Olhou o que restava da sua vida
 Sem direito a pensão
 Sem um puto pra gastar
 ...
 E foi numa tarde de domingo
 Que ganhou tudo no bingo
 Sorte no jogo azar no amor
 ...
 Ela está bem diferente
 Ama ser independente
 Mariana foi pro mar

O principal motivo para sua independência foi ganhar no bingo, proporcionando modos de que ela pudesse viajar e ficar “bem diferente”.

Música [02]:

A despeito de tanto mestrado
 Ganha menos que o namorado
 E não entende o porquê
 Tem talento de equilibrista
 ela é muitas, se você quer saber
 (...)
 Depois do lar, do trabalho e dos filhos
 Ainda vai pra night ferver...

Na música [02] quando diz que “ela é muitas”, nos fica a questão: Não seria essa uma diferente forma de opressão? Não mais apenas ao gênero, mas inserindo-a à classe trabalhadora, para ela se tornar proletária ao vender sua força





de trabalho. Neste caso, se adiciona um outro chefe, sustentado no discurso do sistema capitalista, e um outro processo de identificação acontece. O mando que antes era do chefe da família, passa a ser o mando do chefe do trabalho. À responsabilidade que anteriormente era com o lar e os filhos adiciona-se o trabalho, fazendo-a precisar ser “muitas”.

A relação entre as palavras “um” e “outro”, presente na música [02] também demonstra a força da memória discursiva no modo como o jornal do século XIX produziu a posição da mulher, tal como no enunciado: “Já não quer ser o *outro*/hoje ela é *um* também”. Essa relação entre o “um” e o “outro” está presente na primeira orientação do jornal, onde são delimitadas as atribuições de cada modo de mandar em uma família:

(...) *um* pela expressão da vontade, que pertence a força, o *outro* pelo irresistível poder da doçura, à que se submete a própria força. O primeiro é próprio do marido; a mulher não deve usar senão do segundo.

Esse retorno da memória na repetição: *um/outro*, nos leva ao que Simone de Beauvoir diz sobre essa relação entre o *Um* e o *Outro*.

Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. (BEAUVOIR, 1970, p.12).

Se “para que o Outro não se transforme em Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio”, então, como está posto na primeira orientação do recorte do jornal, é preciso: “Persuadir-se intimamente que ha dois modos de mandar em uma família”. Sendo estes dois modos o *Um* e o *Outro*.



Mas como existe a incompletude da língua e a falha no ritual ideológico, essa relação *um/outro* pode se apresentar como uma forma de resistência quando na música se ouve: “Já não quer ser o *outro*/hoje ela é *um* também”.

No caso da música [01], Mariana se torna independente ao ganhar no bingo e decide trocar o suicídio pela viagem. O que não acontece com a música [03] em que a condição financeira nem é citada, mas é notável a dependência emocional existente da mulher para com seu marido, em que ela viaja para cometer um suicídio, mas não um suicídio qualquer, um *harakiri*: “Chegando lá vou ficar bêbada de querosene/ Vou raspar os cabelos até perder a cabeça/ Vou cometer *haraquiri*”. O *harakiri* se caracteriza como um suicídio praticado por samurais em determinadas situações, uma delas, descrita abaixo:

Num ato de pura lealdade, o samurai chega a matar-se para chamar a atenção ao seu senhor acerca de algo de errado que este esteja a fazer, advertindo-o. Alguns samurais também se suicidavam ao ver o declínio dos seus senhores, ou mesmo quando estes morriam, como forma de acompanhá-los eternamente e seguir o preceito de que um samurai não serve mais que um daymio na sua vida.ⁱ

Produz-se, então, a metáfora do Samurai, em que o marido representa o Senhor e ela o Samurai, em que ela deve se suicidar para se livrar da desonra moral provocada por ele, ou como aparece na música, para se livrar dos maus-tratos: “Cansei de ser joguete, cacete/ Cansei de ser tão maltratada”. Contudo, mesmo sendo joguete e sendo maltratada, o que demonstra uma total desesperança, há uma identificação com a formação familiar-patriarcal-religiosa, quando se vê no verso: “Deixei bife e arroz no micro-ondas”. Mas ao mesmo tempo, num efeito de divisão, vemos uma forma de resistência ao discurso familiar que irrompe na formulação





dos versos abaixo: “Joguei na privada aquela rosa/E a aliança eu deixei pra você pagar as contas”.

Jogar uma rosa na privada é uma formulação metafórica que põe em resistência o ritual de recebimento/acolhimento de flores que o homem oferece a mulher. Ao mesmo tempo que deixar a aliança para o homem pagar as contas mostra uma forma de resistência ao discurso familiar-patriarcal-religioso. Essas duas práticas de resistência demonstram, contraditoriamente, a necessidade de resistir, mas também um efeito de necessidade de vingança, no modo como significam os gestos de jogar uma rosa na privada e demonstrar superioridade financeira deixando a aliança para se pagar as contas.

Na metáfora do *harakiri* vê-se a consumação da desesperança. O cansaço da espera pelo homem “que caiba nos seus sonhos”, como dizia o poeta. Na prática do *harakiri* é possível compreender uma identificação com um discurso da culpa, que é o elemento fundamental que sustenta a eficácia do discurso religioso e o patriarcal, o que levanta questões para se pensar a noção de suicídio.

Em seu texto *Sobre o Suicídio*, Marx comenta sobre o ato, defendendo não ser antinatural, visto que ocorre com uma frequência.

A Revolução não derrubou todas as tiranias; os males que se reprovavam nos poderes despóticos subsistem nas famílias; nelas eles provocam crises análogas àquelas das Revoluções. [...] o suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral, [...] da qual tantos combatentes se retiram porque estão cansados de serem contados como vítimas ou porque se insurgem contra a ideia de assumir um lugar honroso entre os carrascos. (MARX, 2006, p.28-29).

Três dos quatro suicídios relatados no texto marxiano são de mulheres vítimas da “tirania familiar”, duas delas de origem burguesa, demonstrando que os





abusos familiares ultrapassam as fronteiras de classes, sendo nos casos relatados uma questão de gênero, pois o que levou as jovens a cometerem tal ato foram as manifestações machistas de suas famílias e sociedade. O que nos traz o questionamento: seria o suicídio uma forma de resistência, onde o suicídio é sintoma em resposta a irrupção insuportável do real para o sujeito? Uma questão a ser pesquisada.

A propósito de um efeito de fecho

Consideramos que há uma grande necessidade de pesquisas sobre a temática da mulher, ainda hoje em dia. Um dos impactos mais importantes de pesquisas com essa temática se ancora na compreensão do funcionamento da sociedade, uma vez que com pesquisas desse porte podemos contribuir para uma compreensão dos processos de identificação de gênero e especificamente mostrar os modos como a mulher aparece discursivizada na mídia, seja impressa ou sonora.

Usamos, em nossa análise, um arquivo que sustenta em sua formulação um modo de ser e agir específico para a mulher, pautado em modelos que permeiam o imaginário feminino desde a mais tenra idade e como um determinado papel social atribuído à mulher se constitui a partir da circulação de dizeres que afetam o comportamento feminino.

Observamos, também, quais interesses estavam em pauta ao se fazer esse discurso de normatização do comportamento para a mulher. Para tanto, colocamos





em relação o texto *Às mulheres casadas e por casar* do jornal *A Situação*, de 1872, e as músicas *Mariana Foi Pro Mar* (Ira! - 2007), *Desconstruindo Amélia* (Pitty - 2009) e *Solitária* (A Banda Mais Bonita da Cidade - 2011), com o objetivo de discutir o modo como a noção de gênero é construída discursivamente e a forma como se produz um discurso sobre o comportamento da mulher, a partir do século XIX, que ressoa como memória no discurso musical da contemporaneidade.

Na análise do recorte do jornal observamos o modo como se produz uma posição para a mulher que se identifica com a formação discursiva familiar-patriarcal-religiosa. Na análise dos recortes das letras das músicas, compreendemos que, além da posição que se identifica com a formação discursiva familiar-patriarcal-religiosa, temos a emergência de uma posição de mulher que se identifica, suplementar e concomitantemente, com a formação discursiva capitalista. Contudo, enquanto nas músicas *Desconstruindo Amélia* (Pitty) e *Mariana Foi Pro Mar* (Ira!) é possível compreender um discurso de ruptura em relação à sua condição econômica tutelada pelo patriarca (que adquire força da formação discursiva capitalista), ainda há indícios de identificação dessa posição com àquela da mulher que teria o mando na parte que lhe coubesse, ou seja, a necessidade do exercício da doçura, e, portanto, da submissão ao Outro.

Na análise do recorte da música *Solitária* (A Banda Mais Bonita da Cidade), compreendemos como é produzida uma posição de mulher, que apesar de abandonar os maus tratos, tendo a coragem de ir embora, resistindo ao discurso da docilidade/submissão, há uma identificação à formação discursiva familiar-patriarcal-religiosa, quando diz que a comida está no micro-ondas e uma identificação à formação discursiva capitalista, quando diz que vai deixar a aliança para pagar as contas. Na análise desse recorte, deixamos em aberto, para uma





análise mais robusta, a questão do suicídio, a fim de compreender se há a possibilidade desse gesto se configurar como um discurso de resistência.

Mostramos a importância da análise de materiais que discursivizam a mulher a partir do funcionamento da memória discursiva, ancorada num trajeto histórico que põe em relação o discurso jornalístico do século XIX e o discurso musical contemporâneo. Podemos salientar que tais discursos se relacionam com o discurso dos diversos movimentos de luta das mulheres em circulação na sociedade, tais como o próprio movimento feminista ou a marcha das vadias, bem como nas músicas produzidas na relação com a temática sobre a emancipação da mulher, nos diversos gêneros musicais, tais como o do discurso do funk, por exemplo. Essas relações se encontram em fase de análise em nossas pesquisas e apontam que vem se instituindo um lugar-outro de discursivização para o comportamento da mulher na sociedade.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ZIZEK, Slavoj (org.) **Um Mapa da Ideologia**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p.105-140.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Millet. 4ªed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 7ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. 38ªed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.





JORNAL A SITUAÇÃO. **Às mulheres casadas e por casar**. Cuyaba, Anno 1872.

LAGO, Mário e ALVES, Ataulfo. **Ai que Saudades da Amélia**. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/mario-lago/ai-que-saudades-da-amelia.html>. Acesso em 26.jun.2016.

LEPREVOST, Luiz Felipe, et all. **Solitária**. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/a-banda-mais-bonita-da-cidade/solitaria.html>. Acesso em 26.jun.2016.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Um Sistema Instável: as teorias ginecológicas sobre o corpo feminino e a clínica psiquiátrica entre os séculos XIX e XX. In: SANTOS, Nádia Maria; WADI, Yonissa Marmitt (orgs.). **História e loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p.15-49.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Genealogia da moral**. Tradução de Antonio Carlos Braga. – São Paulo: Editora Escala, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ªed. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PERARO, Maria Adenir. **Bastardos do Império**. São Paulo: Contexto, 2001.

PITTY. **Desconstruindo Amélia**. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.html>. Acesso em 26.jun.2016.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando (org.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.27-28.





SCANDURRA, Edgard. **Mariana foi pro Mar.** Disponível em <https://www.letras.mus.br/ira/983464/>. Acesso em 26.jun.2016.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela.; BORGES, Águeda Aparecida da Cruz. **Mulheres em discurso: processos de subjetivação e práticas de resistência.** Simpósio Temático n. 087, http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/simposio/view?ID_SIMPOSIO=293 , UFSC, 16 a 20 de setembro de 2013.

ⁱ Disponível em: <http://cultura-japonesa.blogspot.com.br/2009/11/harakiri.html>. Acesso em: 26/06/2016.